

## IV Workshop Produção Escrita e Psicanálise: “Precisamos mesmo de um salvador?”

Nada mais virá nos salvar...  
DUFOUR, 2005: 59.

*Não há nada a fazer*, Estragon diz a Vladimir no início da peça *Esperando Godot*<sup>1</sup> de Samuel Beckett, composta entre outubro de 1948 e janeiro de 1949. Não encontra muita oposição. Rapidamente, Vladimir, seu interlocutor, lhe responde que está acabando o tempo durante o qual acreditou na possibilidade de saída. *Não façamos nada. É mais prudente*, Estragon volta à carga. Dois personagens que não conseguem se responsabilizar pelas rédeas do próprio destino. Duas pessoas que decidem esperar por alguém que lhes diga o que fazer: Godot, que nem, ao menos, sabem quem é.

Os membros do *Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP* tomaram a peça de Beckett como mote para refletir a respeito da onda de desesperança que tem assolado o cenário educacional frente aos desafios que a contemporaneidade tem nos colocado. Tal qual Estragon e Vladimir, muitos daqueles de quem se esperaria a construção de saídas criativas para os impasses de todos os dias transferem a responsabilidade que não conseguem assumir para terceiros e esperam que eles, tal qual Godot, que não veio e não virá, lhes ensinem como educar, como pesquisar, como ler e como escrever.

Nenhum Godot vem nos salvar... Que ótimo, o quanto aprenderemos com os desafios que se abrem... O quanto seremos forçados a inventar! No *IV Workshop*, portanto, celebramos a oportunidade que se abre quando desistimos de esperar um salvador. O *GEPPEP* relativiza a descrição dos riscos trazidos pela dessimbolização e coloca em cena testemunhos de outros tipos de amarração que possam preservar o laço social e a cultura.

### PROGRAMAÇÃO

#### 8h30 - Abertura dos trabalhos

Apresentação musical de Wagner Dias dos Santos

#### 9h00 – Somos todos imaturos?

VLADIMIR – Quando paro para pensar... estes anos todos... não fosse eu... o que teria sido de você...? (*Com firmeza*) Não seria mais do que um montinho de ossos, neste exato momento, sem sombra de dúvida.

ESTRAGON – (*ofendido*) E daí?

VLADIMIR (*melancólico*) – É muito para um homem só (*Pausa...*)

---

<sup>1</sup> Todas as citações do texto literário foram retiradas de: BECKETT, S. *Esperando Godot*. Tradução e prefácio de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naif, 2005.

*Com vivacidade.*) Por outro lado, qual a vantagem de desanimar agora, é o que eu sempre digo. Deveríamos ter pensado nisso milênios atrás, em 1900.  
ESTRAGON – Chega. Ajude aqui a tirar esta porcaria.  
(*op.cit.:19*)

### *As fadas do conhecimento*

Valdir Heitor Barzotto

Textos e seus suportes têm sido disponibilizados pelo que poderíamos chamar de fadas contemporâneas encarregadas de construir castelos de ilusões para neles instalar leitores/consumidores. A análise de materiais de leitura disponibilizados para este fim permite reconhecer algumas constantes nas quais vem se ancorando, nos últimos anos, o discurso da importância da leitura. A principal delas parece ser a de fazer acreditar que não é preciso trabalho para se conquistar o conhecimento. No interior de uma cultura hedonista, na qual há um imperativo de gozar a vida, uma das estratégias para ampliar a circulação dos produtos que se lê consiste em retirar qualquer ameaça ao suposto reino confortável do leitor/consumidor. Relacionada a esta constante, pode-se chegar a uma das consequências deste modo de apresentação do conhecimento: sob o escudo da informação e a máscara de cidadão consciente, disfarçando sua imaturidade, o leitor/consumidor ataca a cada vez que se depara com a necessidade de se reinventar. Dentre seus ataques está a exigência de que alguém faça por ele.

### *O efeito vara mágica*

Enio Sugiyama Junior

Na sociedade contemporânea, existe um imperativo para que todos se mantenham atualizados, sendo a leitura um dos meios para cumpri-lo. Destacam-se como seus componentes, dentre outros, o apelo ao prazer e a simplicidade com que, supostamente, se pode chegar à informação ou ao conhecimento. Tais componentes são acionados freqüentemente quando se trata da produção e da divulgação de diversos tipos de materiais (revistas, jornais, sites, livros etc.) propostos como Godots, ou seja, como salvagens para aqueles que buscam se inserir no tempo que esse imperativo convoca. Dando continuidade ao trabalho de Barzotto (1998), proponho uma leitura que, ao reconhecer sua construção, livre o leitor de delegar as decisões que cabem a ele.

### *Delegando os três desejos*

Suelen Gregatti da Igreja

Como forma de compreender alguns mecanismos de proteção frente à angústia, delinearei o que tenho entendido como uma prática de criação de cenários fascinantes para o leitor. Trata-se de uma estratégia para levar a crer que a versão adotada é a verdadeira. Partindo do estudo empreendido por Barzotto (1998), pretendo depreender os recursos utilizados em textos escritos para fazer com que a tomada de decisão do leitor seja delegada a outro, da mesma maneira que Estragon e Vladimir delegam a tomada de decisão a um salvador: Godot.

## 10h00 – Cadê o sujeito contemporâneo?

VLADIMIR – Voltamos amanhã.  
ESTRAGON – E depois de amanhã.  
VLADIMIR – Talvez.  
ESTRAGON – E assim por diante.  
VLADIMIR – Ou seja...  
ESTRAGON – Até que ele venha.  
VLADIMIR – Você é implacável.

(*op.cit.*: 29)

### *O singular, o universal e o plural* Emerson de Pietri

Talvez seja possível considerar que a noção de universalidade se constituiu em função de narrativas que se propunham hegemônicas, próprias de um tempo histórico — a modernidade — em que a relação com o Outro, o estranho, o estrangeiro, era algo a se construir assimetricamente, com base na idéia de um passado maior, decorrente de um simbólico imaginado como elaboração de uma tradição que agrega e refina. Essa universalidade parece se generalizar, e, conseqüentemente, se fragmentar, com o trabalho das novas narrativas de caráter neo-liberal: ao fundarem a nova ordem sobre a universalização dos valores de mercado, os demais valores que garantiram a dominação simbólica na modernidade se relativizam, possibilitando a emergência e a re-valorização de valores simbólicos locais. Essa relativização possibilita a emergência de narrativas plurais, em contraste com a dominação simbólica das antigas narrativas hegemônicas, produzindo uma situação tensa, complexa, de múltiplas narrativas em contraponto. Tratar o múltiplo como dessimbolização talvez guarde o lamento de se reconhecer a ausência de uma determinada forma de autoridade, e, portanto, a angústia de ver ameaçadas, pela ausência de um referente estabilizado, as formas conhecidas de marcar a singularidade. Tratar o múltiplo como dessimbolização é marca de espera de um Outro que restabeleça um passado imaginado, que re-simbolize e oriente um devir não mais controlável. Entre o singular e o universal, as novas narrativas não dessimbolizam, mas multissimbolizam, e instauram a tensão que resulta dos plurais em contraponto.

### *O que o processo de ensino-aprendizagem de escrita ensina ao sujeito contemporâneo?* Andreza Rocha

Frente à discussão proposta por essa mesa, pretendo defender a tese de que, para evitar o fracasso escolar, um dos sintomas ligados ao desbussolamento do sujeito contemporâneo, cabe ao professor assumir a responsabilidade de definir o percurso a ser realizado em relação ao ato de ensinar. Trata-se de uma postura radicalmente oposta a dos personagens Vladimir e Estragon, que delegam à Godot o poder de tomar decisões que caberiam a eles. Para tanto, disponho-me a investigar o percurso realizado por um professor particular de Língua Portuguesa numa experiência de ensino em função da solicitação de aulas com vistas à realização do Exame Nacional do Ensino Médio — ENEM. Para tal fim, tomo como *corpus* um dossiê composto pelos materiais didáticos (planos de aula, cópias de atividades aplicadas, textos oferecidos ao aluno etc.) e pela produção do aluno (redações desde os rascunhos iniciais até a versão final).

*A escrita para além da crise*  
Lisiane Fachinetto

A sociedade contemporânea é marcada pela falta de balizas, o que gera uma sensação de crise. Proponho o trabalho de escrita – entendida como um bordejamento do Real (Lacan, 1975-76) – como uma das possibilidades da superação deste afeto. A escritura é efeito do trabalho da letra, a partir da instalação de uma operação significante. Instaura-se em três tempos lógicos (tempo de ver, compreender e concluir). Assim, a partir de recortes da produção de uma pós-graduanda, que apresenta no seu texto indícios dos efeitos da *dessimbolização*, tenho como objetivos: 1) analisar os movimentos entre a escrita, as intervenções do outro e a reescrita do texto; e 2) discutir os efeitos de uma intervenção que situe o sujeito e provoque produção e implicação (responsabilização) do sujeito contemporâneo com o próprio escrito.

### **11h00 – É só pra baixo que todo santo ajuda?**

ESTRAGON – (dando-se conta do horror da situação.) Estava dormindo. (Em tom de recriminação.) Por que você nunca me deixa dormir?

VLADIMIR – Estava me sentindo só.

ESTRAGON – Tive um sonho.

VLADIMIR – Não me conte!

ESTRAGON – Sonhei que...

VLADIMIR – NÃO ME CONTE!

ESTRAGON – (gesto indicando o universo) Isto basta para você? (Silêncio.) Nada gentil, Didi. Para quem você quer que eu conte meus pesadelos particulares, se não for para você?

(*op.cit.*: 32)

*Exigir consequência para levar à produção*  
Emari Andrade

Em oposição ao questionamento desta mesa, defendo a tese de que é possível alterar a relação de um sujeito com o saber, em especial, com a sua própria escrita. As condições necessárias para que essa mudança venha a se estabelecer diferem em relação a quem oferece a ajuda e a quem recebe. Da parte de quem oferece, trata-se da não identificação ao sofrimento de um colega ou àquilo que ele diz, mas, sim, de inventar modos de exigir consequência daquele que escreve. Da parte de quem recebe, trata-se de ser permeável à ajuda daqueles que buscam construir uma relação de trabalho produtiva, seja com um orientador ou com colegas de um grupo de pesquisa. Para ilustrar a discussão da mesa, analisarei as intervenções em um texto de uma pós-graduanda, discutindo os efeitos que elas tiveram na reformulação do texto. Trata-se de privilegiar um modo de intervenção que procura enganchar o sujeito no Real, único registro capaz de mover o sujeito para uma postura responsável por suas produções. Para desenvolver a reflexão proposta, partirei dos estudos de Lacan (1969-1970); Riolfi (1999, 2002; 2007) e Jonas (2006).

*A identificação pelo sofrimento no funcionamento de grupos*  
Mical Magalhães

Neste trabalho, tomo a sala de professores como cenário. Volto-me à produção discursiva dos professores de Língua Portuguesa, que mais parece um “muro de lamentações” do que uma associação de colegas em busca de soluções criativas para a tarefa que têm de desempenhar. Assim sendo, busco refletir a respeito das restrições à ação pedagógica que são impostas pelo que estamos chamando aqui de “identificação pelo sofrimento”. Defendo que, para que haja *trabalho* — um conjunto de ações que visem a operar sobre uma determinada situação que se impõe como adversa — é necessário abandonar essa identificação.

*Onde a falta é necessária*

Marisa Grigoletto

Para responder de forma negativa à pergunta da mesa, neste trabalho proponho uma reflexão sobre a necessidade de se manter a falta como condição para a produção e para uma relação conseqüente com o saber, em contextos de ensino e aprendizagem, em geral, e na produção escrita, em particular. Presentificar a falta significa tocar o real, compreender o impossível (de reproduzir, de tudo preencher) que deve se instalar para todo aquele (aprendiz em qualquer nível, desde o aluno no início da vida escolar até o professor ou o pesquisador) que quiser chegar a uma produção conseqüente. Partirei de alguns exemplos de situações de ensino para discutir as conseqüências negativas da posituação, ou obturação da falta, tomando como base teórica o Seminário XVII de Lacan. Pautar-se pela manutenção da falta significa regozijar-se com a ausência de Godot, como ausência necessária para instaurar a falta, em vez de ansiar pela sua presença, como o fazem os dois personagens da peça.

## **12h00 às 14h00 – Almoço**

### **14h00 - Precisamos delegar nossas decisões?**

VLADIMIR – Então, que fazemos?

ESTRAGON – Nada. É o mais prudente.

VLADIMIR – Esperar para ver o que ele nos diz.

ESTRAGON – Quem?

VLADIMIR – Godot.

ESTRAGON – Isso!

VLADIMIR – Vamos esperar até estarmos completamente seguros.

ESTRAGON – Por outro lado, talvez fosse melhor malhar o ferro antes que esfrie.

*(op.cit.: 36/37)*

*Quando não decidir é decidir*

Rafael Barreto Prado

A espera sem fim e a crença de que a salvação virá do outro por parte dos personagens de *Esperando Godot* pode-se dizer que atravessa a estrutura de nossa sociedade. Se em algumas formações discursivas posições como a de Vladimir e Estragon figuram como causadoras de incômodo, em outras permitem sustentar um discurso vitimizante e imobilizador. Tendo a obra de Becket como pano de fundo, nosso objetivo é analisar as relações entre os discursos próprios da produção de conhecimento e do fazer político. Mais

especificamente, tomaremos textos de Sociolinguística e da democracia representativa a fim de verificar como materializam os procedimentos de delegação de responsabilidades em seu interior.

### *Ressoar do riso, a efemeridade contemporânea*

Janaina Michele de Oliveira Silva

Em uma sociedade como a nossa, que se vangloria de ser divertida e permissiva, é de se esperar que o humor ganhe cada vez mais espaço nos diversos meios midiáticos. A justificativa nesses meios é de ser o humor elemento essencial para uma efetiva subversão do sistema. Mas será? Ao analisarmos textos caracterizados pelo efeito humorístico, percebemos que em seus enunciados o sentido esvaziado prevaleceu. Dessa maneira, o humor mostrou-se para nós como um eco da voz de uma sociedade superficial e conivente, reflexo de uma espetacularização da vida. A midiaticização fez do riso um espetáculo, uma encenação sobre a vida, e fez desse simulacro a realidade. Assim, busca-se um riso fácil, um gozo momentâneo. Com isso, funda-se uma rede de espera, em que é mais conveniente delegar ao outro o direito de abastecer-nos, eximindo-nos da própria responsabilidade sobre o nosso destino. De certo modo, esperamos um Godot, deixamos que o outro viva por nós e em nós. Então rimos. *Estamos contentes. E o que vamos fazer agora que estamos contentes?* Será a partir de reflexões propostas por Barzotto (1998), Minois (2003) e Dufour (2005) que assentaremos nossas proposições e tentaremos discutir a moção dessa mesa.

### *O professor representado em editais de concurso*

Tathiane Graziela Cipullo

Tomam-se editais de concurso para o provimento de professores em cursos de licenciatura em Universidades públicas como objeto. Discute-se em que medida os critérios adotados pelas Instituições de Ensino Superior, ao comporem o perfil do profissional que buscam incorporar, contribuem para a promoção da ecolalia nas disciplinas encarregadas no ensino de Língua Portuguesa, tais como Metodologia, Prática, Didática e estágios supervisionados. Depreende-se de muitos desses editais uma representação de professor como aquele que domina os conhecimentos específicos de sua área básica, sem necessidade de ter contemplado as questões de ensino em sua formação. Para auxiliar nessa reflexão, utilizarei os estudos de Dufour (2005), Baudrillard (1981) e Riolfi, Pietri & Barzotto (2008), buscando, assim, refletir de que forma podemos seguir na contramão e evitar a ecolalia nessas disciplinas, sem, no entanto, ficar a espera de um salvador.

## **15h00 – Qual a diferença entre usar um autor e um brinco?**

ESTRAGON – (*mastiga, engole*) Pergunto se estamos amarrados.

Perguntei se estamos amarrados.

VLADIMIR – Amarrados?

ESTRAGON – A-mar-ra-dos.

VLADIMIR – Amarrados, como?

ESTRAGON – Pés e mãos.

VLADIMIR – Mas a quem? Por quem?

(*op.cit.:* 44)

### *Um objeto de família*

Ercilene Maria de Souza Vita

Pode-se usar um autor como se usa um brinco? O que define a autoria? Há autores que são brincos, descartáveis. Fazem-se de objeto para o consumo alheio, porque esperam tirar também algum proveito disso. Na universidade, o uso do nome de um autor, por sua vez, pode ser feito de modo especialmente utilitário: um autor para que se consiga algo, para um uso muitas vezes espúrio de seu nome. Se Dufour (2005) aponta para a dessimbolização como característica de nossa época e Jerusalinsky (2001) para a extrema “gadgetização” das relações entre os indivíduos, tudo parece ser passível de troca. Mas há algo que não se troca: o nome de um autor a quem se filia, o nome do autor que insere o sujeito em um lugar de limite, como o “nome de *um* pai”. O todo não é mais possível, o que não impede a existência de outras possibilidades. Desde a filiação, instaura-se um lugar de discurso ao qual o sujeito se ancora, lugar em que se engaja ao se implicar subjetivamente. Assim, talvez se possa sair para o movimento contrário, usar o autor “e seu santo nome” também como um índice de autoria do próprio pesquisador, que pode então, depois de se instaurar na filiação e a partir dela, responsabilizar-se, ainda que aos atropelos, pelo seu próprio nome.

### *Filiação: modos de usar*

Kelly Gomes de oliveira

A falta de critérios parece ser uma marca da produção acadêmica atual. Para mostrá-la, discuto um caso que reflete o uso de autores como adornos. Analisarei um trabalho realizado como parte da avaliação de uma disciplina do curso de nutrição. Utilizo esse exemplo porque os professores solicitaram a referenciação de todos os parágrafos indiscriminadamente. Solicitar uma referência após cada parágrafo dá aos autores outra função aquém da filiação simbólica: os reduz à condição de avalistas. Mesmo dentro da universidade, lugar pensado como desenvolvimento do raciocínio rigoroso e crítico, não há clareza sobre a filiação a autores; muitas das vezes, eles são utilizados como adereços obrigatórios ao texto acadêmico.

### *A função da filiação na escrita acadêmica*

Sulemi Fabiano Campos

Na produção acadêmica da atualidade, é raro encontrarmos indícios de filiação simbólica, compreendida como o trabalho de honrar a produção de quem lhe precedeu, visando a dar consequência a ela. Autores, quando citados, tendem a ser incluídos como argumentos de autoridade, acessórios que garantem o prestígio de quem escreve. Utilizando-nos do conceito de paráfrase (Cf. Pêcheux, 1997), tomamos para análise textos produzidos por alunos de graduação e por autores lidos por eles ao longo de seus cursos para verificar em que medida esses textos se diferenciam com relação a uma adesão irrefletida à palavra do outro.

## **16h00 – É possível evitar a papagaiação?**

VLADIMIR – Diga, mesmo que não seja verdade.  
ESTRAGON – O que quer que eu diga?  
VLADIMIR – Diga: estou contente.  
ESTRAGON – Estou contente.  
VLADIMIR – Eu também.  
ESTRAGON – Eu também.  
VLADIMIR – Estamos contentes.  
ESTRAGON – Estamos contentes (Silêncio.) O que vamos fazer  
agora que estamos contentes?  
VLADIMIR – Esperar o Godot.

(*op.cit.*: 114/115)

### *É possível evitar a ecolalia na Universidade?*

Daniela Eufrásio

Escrever um trabalho acadêmico exige uma apropriação dos conteúdos a serem tematizados por parte de quem se propõe a escrever. Demanda, portanto, um trabalho predominantemente simbólico. Quando o autor falha em sua tarefa, o texto configura-se como conjunto de frases feitas, que não indiciam a tentativa de transmitir a singularidade. E quando a escrita não é autofundação, é ecolalia: repetições do que não se entende. Na peça de Samuel Beckett, repetia-se “Godot”. No meio acadêmico, por vezes, repete-se os jargões de maneira pouco significativa, sem representar criação, mas simples repetição. Por fim, nossa sugestão é discutir quais operações textuais poderiam ser desveladas a fim de demonstrar ao sujeito que escreve possibilidades de deslocamento, que o levariam da cópia à produção. Em princípio, temos como referência: *O texto-consolo-de-viúva*: escrever sem ‘pôr de si’, de Claudia Riolfi, e *Simulacros e Simulações*, de Jean Baudrillard.

### *Para além da ecolalia: porque não há só desesperança*

Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro

Como sair da mesmice? Para exemplificar percursos promissores, analisarei relatórios de estágio de alunos de metodologia de língua portuguesa, buscando descrever os recursos utilizados por quem visa a inscrever uma produção criativa na universidade. Para tanto, utilizarei os conceitos de discurso de Lacan (1968-69; 1972) e de responsabilidade de Jonas (2006). Mostrarei que quando o professor em formação consegue articular as teorias estudadas com as realidades observadas ele gera respostas para as questões de seu interesse, muitas vezes consideradas insolúveis pelos seus pares. Verificar como esses alunos formulam e solucionam as questões que propõem interessa àqueles que buscam novas soluções para o ensino da escrita acadêmica, pois abre a possibilidade de instrumentalizar a quem pretende partilhar suas descobertas.

### **16h40 - O quanto a gente passa enquanto passa o tempo?**

VLADIMIR – [...] Veja o tigre, que se precipita em socorro de seus congêneres, sem a menor hesitação. Ou foge, salva sua pele, embrenhando-se no meio da mata. Mas esse não é esse o xis da questão. O que estamos fazendo aqui, essa é a questão. Foi-nos dada uma oportunidade de descobrir. Sim; dentro desta imensa confusão, apenas uma coisa está clara: estamos esperando que Godot venha.

(*op.cit.*: 160)

*Leitura nua, oportunidade para descobrir a escrita*  
Claudia Riolfi

Existem dois tipos de amizade. O primeiro é o da cumplicidade pela identificação. Recorremos a esse tipo de relação para manter tudo do mesmo modo. Reclamamos de nossas mazelas para que o amigo nos auxilie na difícil tarefa de nos convencer de que não obtivemos sucesso em nossos propósitos por ser vítima das circunstâncias. O segundo é o da solidariedade pela incompreensão. Trata-se do amigo que não compra tão fácil o peixe da nossa desgraça. Fica ao lado, mas não passa a mão na cabeça. Quando nos queixamos, ele nos confronta com a parcela angustiante de nós mesmos, invisível sem o auxílio de sua dura parceria. Transpondo essa diferença para o contexto das parcerias acadêmicas (orientador-orientando; autor-leitor; sujeito de pesquisa-pesquisador), o trabalho visa a discorrer sobre o tipo de laço social necessário para passar não só o tempo como também uma parcela da singularidade de quem se propõe a escrever.

*A singularidade no texto acadêmico*  
Sonia Almeida

À procura da singularidade no texto acadêmico, esta pesquisa tem observado os antecedentes da produção na universidade. Para tanto, consideramos o texto uma objetivação. Ele se funda em categorias extralingüísticas. Por exemplo: *trabalho* e outras dele decorrentes: *necessidade* e *escolha entre alternativas*. O contexto é determinante das escolhas dos sujeitos pesquisadores. Temos pensado que não seria, então, o estilo a condição da singularidade. O que há na superfície do texto é sintoma da construção do projeto cuja mobilidade vai alterando a configuração do objeto de pesquisa ao infinito, criando, por isso mesmo, as condições marcadas da singularidade do pesquisador compelido ao eterno retorno. O conceito de pulsão seria, então, desencadeador do que se converteria em dizer próprio, independente do tempo de *espera* de um resultado sempre provisório. O resultado concreto e definitivo é o Godot que nunca chega. Um Godot cuja espera é provocadora de algum sentido.

*A escrita que não se escreve: reminiscências de um passado a ser superado*  
Débora Baghin Spinelli

A espera constitui parte integrante de todo processo de escrita, um trabalho de busca pela invenção da melhor expressão, da melhor relação entre idéias e/ou teorias etc. Ela consiste em um tempo variável no percurso de criação de cada um; experimentado de modo diferente de pessoa para pessoa. O trabalho versa a respeito de três tipos de espera na escrita que se revelam paralisantes no processo criativo: 1) a espera pelo “momento certo” de iniciar a escrita de um texto, que se estende ad aeternum até que “tudo” sobre o assunto já tenha sido lido e fichado; 2) o da espera pela “autorização do outro”, seja este o orientador, um professor, um amigo, enfim, alguém que liberte o sujeito da inércia criativa; e, 3) da espera infundável, durante a qual a escrita não acontece. Nos três casos, não se trata do silêncio necessário a toda produção. Como Vladimir e Estragon, o sujeito permanece numa total paralisia, sem meios aparentes para sair dela. A espera inerte interpreta o

passado. Para mostrar como esta interpretação se configura, um paralelo entre estes três tipos de espera e a herança parental de quem não consegue escrever é estabelecido.

## 17h40 - Estamos todos angustiados?

VLADIMIR – Será que dormi enquanto os outros sofriam? Será que durmo agora? Amanhã, quando pensar que estou acordando, o que direi desta jornada? Que esperei Godot, com Estragon, meu amigo, neste lugar, até o cair da noite? Que Pozzo, passou por aqui, com seu guia e falou conosco? Sem dúvida. Mas, quanta verdade haverá nisso tudo?

(*op.cit.*: 186)

*Métodos irresponsáveis*

Renata de Oliveira Costa

Em que medida os resultados de pesquisa beneficiam a prática em sala de aula? Para responder esta questão, farei uma comparação entre alguns textos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky e a sua incorporação na *Coletânea de Textos – PROFA: Letra e Vida*. Os resultados preliminares apontam que, da mesma maneira que Estragon e Vladimir esperam por Godot que irá salvá-los de algo que eles próprios desconhecem, o professor alfabetizador espera que os métodos didático-pedagógicos sejam sua salvação, o “Godot” que chegará e fará com que seus alunos se alfabetizem. Esses “Godots”, os métodos de ensino, são baseados em estudos teóricos e chegam às escolas através de manuais e/ ou cursos de formação que “simplificam” esses estudos, para “facilitar” o entendimento do professor. Defendo que o professor tenha acesso a uma formação tal que o possibilite ir além de se servir do autor como se fosse um “acessório” para disfarçar sua angústia. Tendo conhecimento da teoria, precisa ser capaz de interpretá-la e se colocar como responsável por sua prática, com ou sem a promessa de um “Godot” incerto.

*Dessimbolização e múltiplas opções: estamos todos angustiados?*

Wagner Dias dos Santos

Neste trabalho tratarei da espera, da falta e da angústia, amparado pela possibilidade conceitual oferecida pela psicanálise de Jacques Lacan. Como objeto, escolhi um encontro cultural (uma festa) que acontece, ano a ano, num pequeno distrito da cidade de Três Marias-MG, denominado Andrequicé, local em que viveu o vaqueiro Manuel Nardy, o Manuelzão, personagem da literatura de João Guimarães Rosa. Penso que este pequeno vilarejo espelha, de maneira bem particular, muitas contradições provocadas pelo avanço da chamada pós-modernidade. Ali, muitas tradições são mantidas firmemente. Por outro lado, espera-se com fervor as transformações trazidas de grandes cidades. A Festa de Manuelzão, caldeirão de afetos, é um produto que simboliza e dessimboliza simultaneamente. Realizada em julho de cada ano, é quase uma sombra do Godot salvador, na esperança de alguns moradores. No entanto, para outros é um elemento mais que perturbador.

*A escrita como recusa da imobilidade: o autor e a política da criação de si*

Anna Maria G. Carmagnani

Neste trabalho, defendo que a escrita é um modo de recusar a imobilidade. Contrariamente à espera interminável e “absurda” de Vladimir e Estragon e apesar da visão sombria de Dufour (2004), acredito na possibilidade do autor criar-se e recriar-se por meio da escrita. Tomo por objeto de análise algumas introduções de dissertações e teses, mais especificamente as justificativas, a partir das quais busco refletir em que medida o autor do texto se singulariza, tece novas relações no discurso acadêmico instituído em sua área, narra a sua trajetória de modo a expor-se ou, conforme Foucault (2004:145), como “a escrita [pode] constitui[r] uma experiência e uma pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, dissip[ando]a a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo”.

## **19h00 – Encerramento**